

EXPOSIÇÃO

ALA

ÁLVARO

SIZA

EXHIBITION

ÁLVARO

SIZA

WING

ALICE NEEL



BEAUTIFULLY IMPERFECT

SERRAVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

EXPOSIÇÃO

*Beautifully Imperfect*¹ é organizada pela Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, com curadoria de Inês Grosso, curadora-chefe do Museu de Serralves, e coordenação de Filipa Loureiro, coordenadora de exposições temporárias.

O registo da exposição ficou a cargo de Daniela Oliveira.

A compilação e organização do arquivo contaram com o apoio de Mattia Tosti, curador-assistente.

Design expositivo: Ventura Trindade Arquitetos.

A exposição contou com o apoio da Terra Foundation for American Art, da FWA — Foundation for Women Artists, e de Charlotte Feng Ford.

A Fundação de Serralves agradece à família da artista, bem como a todos os emprestadores, públicos e privados, e às galerias que representam o Espólio de Alice Neel — David Zwirner, Victoria Miro e Xavier Hufkens.

CATÁLOGO

Com design de Joana Machado e coordenação de Maria Burmester, o catálogo reúne contributos de artistas e curadores sobre diferentes aspetos da obra e da vida de Alice Neel.

Ensaio, poemas, manifestos, notas visuais e outros formatos dão conta da diversidade de perspetivas reunidas na publicação. O volume inclui ainda uma entrevista de Inês Grosso a Ginny e Hartley Neel.

1. O título da exposição foi inspirado numa frase usada pelo curador Randall Griffey durante uma visita a *Alice Neel: People Come First*, no Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, em 2021.

EXHIBITION

*Beautifully Imperfect*¹ is organized by the Serralves Foundation — Museum of Contemporary Art, curated by Inês Grosso, Chief Curator of the Serralves Museum, and coordinated by Filipa Loureiro, Temporary Exhibitions Coordinator.

Exhibition registration: Daniela Oliveira, Museum Registrar.

The compilation and organization of the archive were supported by Mattia Tosti, Assistant Curator.

Exhibition design: Ventura Trindade Arquitectos.

The exhibition was supported by the Terra Foundation for American Art. With additional support from FWA — Foundation for Women Artists and Charlotte Feng Ford.

The Serralves Foundation would like to thank the artist's family, as well as all the public and private lenders, and the galleries that represent the Estate of Alice Neel — David Zwirner, Victoria Miro and Xavier Hufkens.

CATALOGUE

Designed by Joana Machado and coordinated by Maria Burmester, the catalogue brings together contributions by artists and curators on different aspects of Alice Neel's work and life.

Essays, poems, manifestos, visual notes and other formats reflect the diversity of perspectives gathered in the publication.

The volume also includes an interview by Inês Grosso with Ginny and Hartley Neel.

1. The exhibition title was inspired by a phrase used by curator Randall Griffey during a visit to the exhibition *Alice Neel: People Come First* at the Metropolitan Museum of Art, New York, in 2021.

ALICE NEEL **BEAUTIFULLY IMPERFECT**

Hoje reconhecida como uma das mais importantes artistas do século XX, Alice Neel (1900–1984) construiu uma obra fiel à sua visão. O seu percurso, iniciado na década de 1920, acompanhou alguns dos principais acontecimentos e movimentos sociais do último século: a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial, o pós-guerra, o movimento pelos direitos civis, as lutas pelos direitos das mulheres e o movimento de libertação gay. A história do seu tempo entra na pintura pelas pessoas que retratou e pelas condições sociais em que viveram.

Ao longo de uma vida marcada por adversidades pessoais e profissionais, Neel recusou ajustar a pintura às expectativas do mercado e do meio artístico, mantendo a figura humana no centro do seu trabalho durante os anos em que a abstração era valorizada pela crítica, museus e galerias norte-americanas. Como mulher, teve ainda de se afirmar num mundo da arte dominado por estruturas de poder masculinas. Durante décadas, trabalhou com pouco reconhecimento institucional, mas a sua projeção aumentou a partir do final da década de 1960 e, em 1970, o retrato da célebre escritora e ativista feminista Kate Millett foi publicado na capa da revista *Time*, dando ampla visibilidade à sua pintura; no mesmo ano, Neel retratou Andy Warhol. Em 1974, o Whitney Museum of American Art apresentou a primeira retrospectiva da artista, quando tinha 74 anos.

Para Neel, a imperfeição fazia parte da própria existência. O título da exposição,

Beautifully Imperfect, traduz essa forma de olhar, de pintar e de viver, própria de uma artista excêntrica, determinada e irredutível perante as convenções, que rejeitava a artificialidade dos ideais de beleza e que preferia mostrar os corpos, os rostos e as marcas do tempo tal como eram.

Nos seus retratos, a figura humana desafia cânones rígidos, os rostos são muitas vezes assimétricos e os olhares transportam camadas de história e de vivências. A expressividade, a vulnerabilidade sem artifícios e a singularidade de quem posava prevaleciam sobre a precisão anatómica e a imagem idealizada. A artista referiu-se a si própria como uma "coleccionadora de almas", expressão que traduz a atenção ao carácter, à fragilidade e à presença psicológica de cada pessoa retratada. Em Neel, a imperfeição tornava-se, assim, uma forma de resistência.

É também nesse sentido que a radicalidade da sua pintura permanece atual. A visibilidade que deu aos moradores negros e porto-riquenhos do Spanish Harlem, aos artistas e performers queer e aos corpos que escapam aos padrões dominantes reverbera hoje nos debates sobre diversidade, género, sexualidade, desigualdade, representação e padrões de beleza. Familiares, vizinhos, trabalhadores, imigrantes, escritores, ativistas, políticos e figuras públicas receberam a mesma atenção, independentemente da profissão, da origem ou do estatuto social. Neel pintava pessoas reais na sua complexidade individual e social,

deixando ver relações de poder, desigualdades e vidas muitas vezes deixadas à margem. O envelhecimento, a doença e a morte ocupam também um lugar importante na sua obra; a passagem do tempo torna-se visível sem suavização, na pele, nas posturas e nas transformações do corpo.

O princípio de uma beleza imperfeita estende-se à própria pintura, cujos contornos abertos, zonas de tela deixadas por pintar e pincelada visível revelam o processo de construção da imagem; o inacabado e os fundos tratados por manchas de cor deixam à vista o gesto e a energia do encontro com o modelo.

A exposição reúne obras de diferentes períodos do percurso da artista e está organizada em pequenos núcleos temáticos estruturados de forma não cronológica. Tirando partido da arquitetura da nova Ala Álvaro Siza, o percurso cria diálogos entre obras, fases e temas da sua prática, a partir de uma leitura expandida do conceito de *Beautifully Imperfect*.

A exposição abre com o autorretrato de Alice Neel, pintado em 1980, aos 80 anos. Sozinha, nua e frontal, Neel surge sem idealização, sem artifício e sem se submeter a qualquer convenção. É uma entrada radical, quase um manifesto silencioso, que anuncia muitas das questões centrais da exposição. À sua volta, um conjunto de cartas que lhe são dirigidas estende este primeiro encontro a um coro de vozes, íntimo e coletivo, em sintonia com uma obra sempre atenta à singularidade de cada pessoa.

A correspondência encontrada no arquivo da família — cartas de admiração e de agradecimento enviadas à artista ao longo dos anos — deu origem a um novo conjunto de epístolas. Artistas, escritores, músicos e outras vozes contemporâneas nacionais e internacionais — tais como Alexandre Farto aka Vhils, Allora & Calzadilla, André Romão, André Tecedero, Annie Sprinkle, Carla Arocha & Stéphane Schraenen, Carminho, Celia Paul, Chantal Joffe, Dennis Morris, Dominique Gonzalez-Foerster, Elmgreen & Dragset, Fernanda Fragateiro, Hilda de Paulo, Joey Skaggs, Jordan Casteel, Juan Araujo, Katy Hessel, Kudzanai-Violet Hwami, Luísa Jacinto, Minês Castanheira, Pamela Castro, Tala Madani, Tiago Baptista, Vasco Araújo, entre outros — foram convidados a escrever a Alice Neel, como se a artista ainda estivesse viva, ou simplesmente em jeito de tributo. Reunidas em torno do autorretrato, as cartas prolongam o gesto epistolar guardado no arquivo e demonstram que a obra de Neel continua a encontrar eco no presente, junto de artistas de diferentes gerações e contextos.

A exposição inclui ainda um importante núcleo de pesquisa e documentação, com cartas, fotografias, recortes de imprensa, materiais de arquivo, alguns deles raramente apresentados, que permitem aproximar a obra de Neel do seu contexto social, político, familiar e afetivo, revelando as relações, os debates e as circunstâncias que marcaram a sua vida e a sua prática artística.

A investigação realizada para esta exposição deve muito à generosidade da

família de Alice Neel, e em particular a Ginny e Hartley Neel, a quem agradeço profundamente por me terem acolhido em Vermont, onde pude passar alguns dias a pesquisar o arquivo da artista.

Inês Grosso

PLANTA

A exposição organiza-se em núcleos temáticos distribuídos pelos dois lados da Ala Álvaro Siza. Num deles, reúnem-se retratos ligados à família, às relações afetivas, à maternidade, à infância e à perda. Filhos, netos e companheiros convivem com amigos, vizinhos e crianças próximas da artista. Surge, assim, uma ideia de família alargada, constituída por vínculos de parentesco, amizade, cuidado e convivência. Neel regressou muitas vezes às mesmas pessoas, acompanhando-as em diferentes idades e momentos das suas vidas.

No outro lado, a exposição reúne obras que evidenciam a dimensão social e política da pintura de Neel. Artistas, escritores, ativistas, trabalhadores, políticos e habitantes de Nova Iorque formam um retrato amplo da cidade e do meio em que a artista viveu. A vida privada e a esfera pública aparecem lado a lado. Na obra de Neel, a família e as relações afetivas fazem parte das questões sociais e políticas do seu tempo, enquanto a história coletiva ganha forma em pessoas concretas.

Ao longo do percurso, uma seleção de naturezas-mortas interrompe a sucessão dos retratos e cria pausas na figuração, enquanto introduz temas como a passagem do tempo, a vida e a morte.

A exposição inclui também uma seleção de livros da biblioteca pessoal de Alice Neel, trazidos diretamente das estantes do seu apartamento em Nova Iorque para o Museu de Serralves. A seleção permite conhecer algumas das suas leituras, referências e áreas

de interesse. Nos dois nichos sonoros, podem ouvir-se músicas que faziam parte da vida da artista, do tango de Carlos Gardel à música clássica de Mozart e Beethoven.

Os dispositivos de documentação, realizados em colaboração com Ventura Trindade Arquitetos, foram concebidos como pequenas bibliotecas de arquivo. As suas superfícies refletoras introduzem no percurso a imagem de quem visita a exposição, evocando a importância do espelho na história da pintura e do autorretrato. Numa mostra dedicada a uma artista para quem "people come first" [as pessoas estão em primeiro lugar], esses reflexos fazem com que o visitante surja, por instantes, entre os retratados, tornando-se também parte desse universo.

A exposição inclui ainda o documentário *Alice Neel*, realizado em 2007 pelo seu neto Andrew Neel, que combina entrevistas à família com imagens de arquivo.

No mezanino, encontra-se disponível para consulta uma seleção de publicações que permite aprofundar o conhecimento da obra de Alice Neel. O núcleo reúne catálogos dedicados à artista, livros de história da arte e de pintura, bem como títulos relacionados com as suas leituras e referências. O espaço oferece ao visitante outras vias de aproximação à sua obra e ao contexto artístico e cultural em que foi produzida.

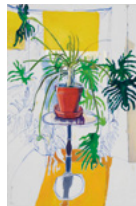
Integra ainda o núcleo de pesquisa e consulta um breve filme de James Newitt, encomendado no âmbito da exposição com o objetivo de

proporcionar uma compreensão mais ampla do contexto histórico em que Alice Neel viveu. O filme mapeia os principais acontecimentos do século em que se desenrolaram a sua vida e a sua obra.

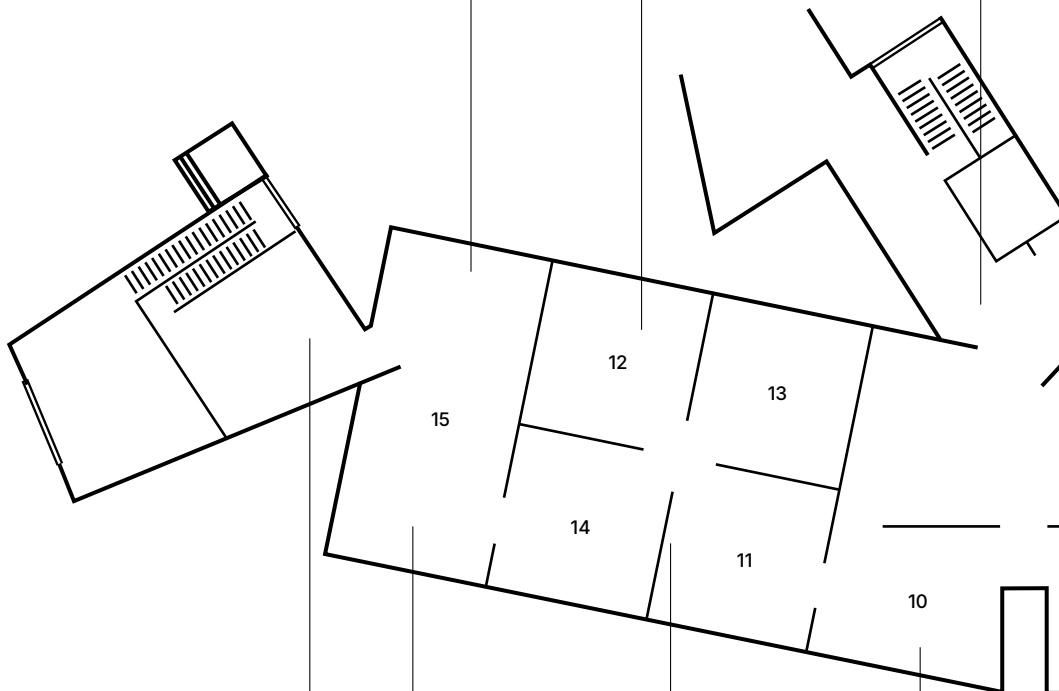
SUE SEELY,
NUDE, 1943



PHILODENDRON,
1970



ENTRADA DA
EXPOSIÇÃO
EXHIBITION
ENTRANCE



ÁREA DE CONSULTA E
CONTEXTUALIZAÇÃO
READING AND
CONTEXTUALISATION AREA



THANKSGIVING,
1965

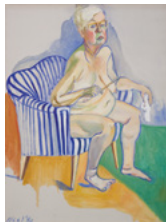


CINDY NEMSER
AND CHUCK, 1975



BLACK DRAFTEE
(JAMES HUNTER),
1965

**SELF-PORTRAIT,
1980**



**THE DE VEGH TWINS,
1975**

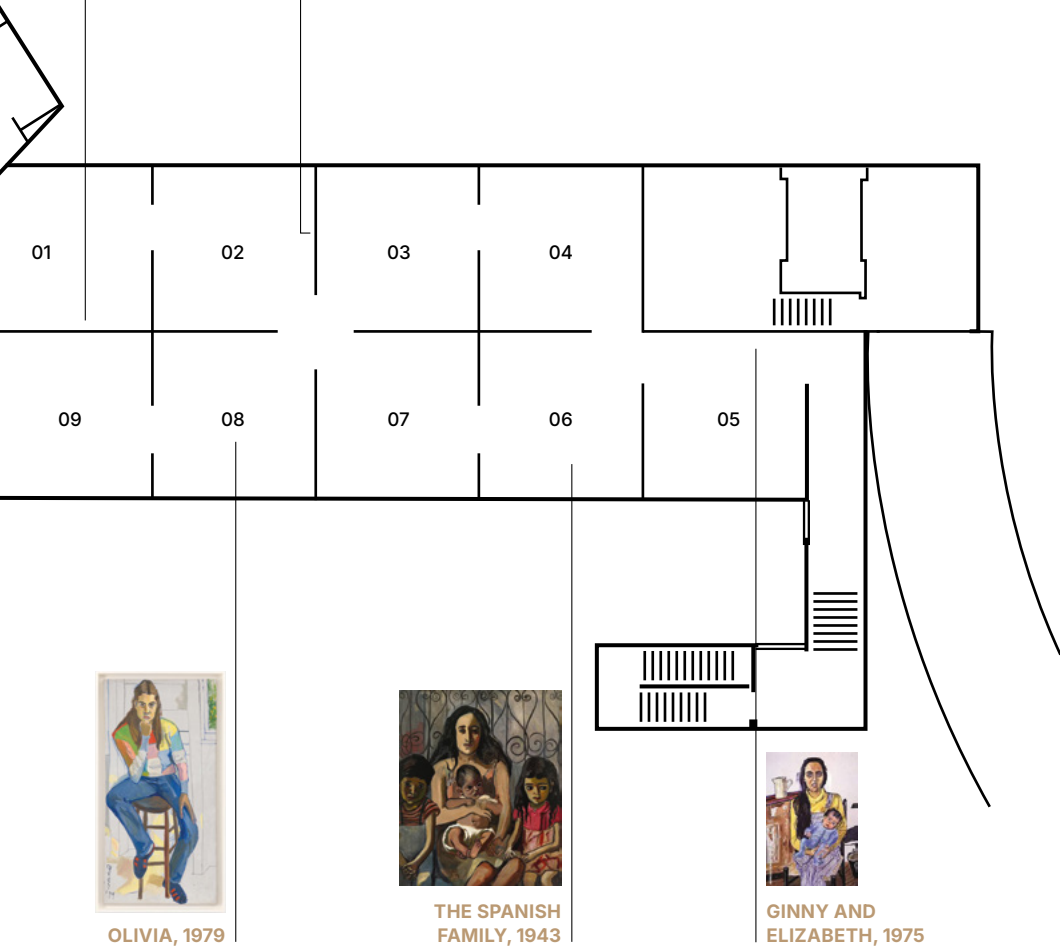


SUGESTÃO DE PERCURSO:

Seguir a ordem numérica das salas.

RECOMMENDED ROUTE:

Follow the numerical order of the rooms.



OLIVIA, 1979



**THE SPANISH
FAMILY, 1943**



**GINNY AND
ELIZABETH, 1975**

ALICE NEEL BEAUTIFULLY IMPERFECT

Now recognized as one of the most important artists of the twentieth century, Alice Neel (1900–1984) developed a body of work faithful to her own vision. Her career, which began in the 1920s, was shaped by some of the major events and social movements of the last century: the Great Depression, the Second World War, the post-war period, the civil rights movement, the struggles for women's rights and the gay liberation movement. The history of her time enters the painting through the people she portrayed and the social conditions in which they lived.

Throughout a life of personal and professional hardship, Neel refused to adapt her painting to the expectations of the market and the art world, keeping the human figure at the center of her work at a time when abstraction was championed by critics, museums and galleries in the United States. As a woman, she also had to assert herself in an art world dominated by male power structures.

For decades, she worked with little institutional recognition, but her profile grew from the late 1960s onwards and, in 1970, her portrait of the celebrated writer and feminist activist Kate Millett appeared on the cover of *Time* magazine, giving her painting broad visibility; that same year, Neel portrayed Andy Warhol. In 1974, the Whitney Museum of American Art presented the artist's first retrospective, when she was seventy-four.

For Neel, imperfection was part of existence itself. The exhibition

title, *Beautifully Imperfect*, captures this way of seeing, painting and living, characteristic of an eccentric, determined and uncompromising artist in the face of convention, who rejected the artificiality of ideals of beauty and preferred to show bodies, faces and the marks of time as they were.

In her portraits, bodies challenge rigid canons, faces are often asymmetric, and gazes carry layers of history and lived experience. The expressiveness, unadorned vulnerability and singularity of those who posed for her prevailed over anatomical precision and an idealized image. The artist referred to herself as a 'collector of souls', an expression that conveys her attention to the character, fragility and psychological presence of each person portrayed. In Neel's work, imperfection thus became a form of resistance.

The radical force of her painting remains relevant: the visibility she gave to the Black and Puerto Rican residents of Spanish Harlem, to queer artists and performers and to bodies that escape dominant norms still resonates in today's debates about diversity, gender, sexuality, inequality, representation and beauty standards. Family members, neighbors, workers, immigrants, artists, writers, activists, politicians and public figures received the same attention, regardless of profession, background or social status. Neel painted real people in their individual and social complexity, allowing power relations, inequalities and lives often left at the margins to be seen. Ageing, illness and death also occupy an important place in her work; the passage of time is made visible

without softening, on the skin, in the postures and in the transformations of the body.

The principle of imperfect beauty extends to the painting itself, whose open contours, areas of canvas left unpainted and visible brushwork reveal the process through which the image is constructed; the unfinished and the backgrounds treated through patches of color leave exposed the gesture and the energy of the encounter with the sitter.

The exhibition brings together works from different periods of the artist's career and is organized into small, non-chronological thematic clusters. Taking advantage of the architecture of the new Álvaro Siza Wing, the exhibition path generates dialogues between works, phases and themes in her practice, based on an expanded reading of the concept of *Beautifully Imperfect*.

The exhibition opens with a self-portrait of Alice Neel, painted in 1980, when she was eighty. Alone, naked and frontal, Neel appears without idealization or artifice and without submitting to any convention. This is a radical opening, almost a silent manifesto, which announces many of the exhibition's central questions. Around it, a set of letters addressed to the artist extends this first encounter into an intimate and collective chorus of voices, in tune with a body of work that was always attentive to the singularity of each person.

The correspondence found in the family archive — letters of admiration and gratitude sent to the artist over the years — gave rise to a new set of epistles.

Artists, writers, musicians and other contemporary voices from Portugal and abroad — Alexandre Farto aka Vhils, Allora & Calzadilla, André Romão, André Tecedero, Annie Sprinkle, Carla Arocha & Stéphane Schraenen, Carminho, Celia Paul, Chantal Joffe, Dennis Morris, Dominique Gonzalez-Foerster, Elmgreen & Dragset, Fernanda Fragateiro, Hilda de Paulo, Joey Skaggs, Jordan Casteel, Juan Araujo, Katy Hessel, Kudzanai-Violet Hwami, Luísa Jacinto, Minês Castanheira, Panmela Castro, Tala Madani, Tiago Baptista, Vasco Araújo, among others — were invited to write to Alice Neel, as if the artist were still alive, or simply as a tribute. Gathered around the self-portrait, these letters extend the epistolary gesture preserved in the archive and show that Neel's work continues to find echoes in the present, among artists from different generations and contexts.

The exhibition also includes an important research and documentation section, with letters, photographs, newspaper cuttings and archival materials, some of them rarely shown, which help situate Neel's work within its social, political, family and affective context, revealing the relationships, debates and circumstances that ran through her life and artistic practice.

The research undertaken for this exhibition owes much to the generosity of Alice Neel's family, especially Ginny and Hartley Neel, to whom I am deeply grateful for welcoming me in Vermont, where I was able to spend several days studying the artist's archive.

Inês Grosso

FLOOR PLAN

The exhibition is organized into thematic clusters distributed along both sides of the Álvaro Siza Wing. One brings together portraits connected to family, affective relationships, motherhood, childhood and loss. Her sons, grandchildren and companions appear alongside friends, neighbors and children close to the artist. An idea of extended family thus emerges, formed by ties of kinship, friendship, care and shared life. Neel often returned to the same people, accompanying them at different ages and moments in their lives.

On the other side, the exhibition brings together works that foreground the social and political dimension of Neel's painting. Artists, writers, activists, workers, politicians and other New Yorkers make up a broad portrait of the city and environment in which the artist lived. Private life and public sphere appear side by side. In Neel's work, family and affective relationships are part of the social and political issues of her time, while collective history takes shape in real people.

Throughout the exhibition path, a selection of still lifes interrupts the succession of portraits and introduces pauses in the figuration, while also introducing themes such as the passage of time and life and death.

The exhibition also includes a selection of books from Alice Neel's personal library, brought directly from the shelves of her New York apartment to the Serralves Museum. The selection gives insight into some of her readings,

references and areas of interest. In the two sound niches, visitors can hear music that formed part of the artist's life, from Carlos Gardel's tango to the classical music of Mozart and Beethoven.

The documentation displays, developed in collaboration with Ventura Trindade Arquitectos, were conceived as small archival libraries. Their reflective surfaces introduce the image of the visitor into the exhibition route, evoking the importance of the mirror in the history of painting and self-portraiture. In an exhibition dedicated to an artist for whom "people come first", these reflections allow visitors to appear, for a moment, among the portrayed figures, becoming part of that universe too.

The exhibition also includes *Alice Neel*, a documentary made in 2007 by her grandson Andrew Neel, which combines family interviews with archival images.

In the mezzanine, a selection of publications is available for consultation, allowing visitors to deepen their knowledge of Alice Neel's work. The section brings together catalogues dedicated to the artist, books on art history and painting, as well as titles related to her readings and references. The space offers visitors other ways of approaching her work and the artistic and cultural context in which it was produced.

The research and consultation area also includes a short film by James Newitt, commissioned as part of the exhibition with the aim of providing a broader understanding of the historical context in which Alice Neel lived.

The film maps the main events of the century throughout which her life and work unfolded.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2.ª a 6.ª feira, 10h — 13h e 14h30 — 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am—1 pm and 2:30 pm—5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt

Tel. (linha direta direct line): 226 156 546

Tel.: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência na área do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet in the field of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa, acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio Institucional
Institutional Support

Apoio
Support



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

terra

Foundation for
American Art